



CONVITES A DOCÊNCIAS INVENTIVAS E MOVIMENTOS DE (DES)FORMAÇÕES CURRICULARES: ARTISTAGENS COTIDIANAS NO ENCONTRO COM A INFÂNCIA DO AGRESTE E AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Invitations to inventive teaching and curricular (mis)formation movements: everyday artistry in the meeting with children in the agreste region and early childhood education teachers

Invitaciones a los movimientos de enseñanza inventiva y de (des)formación curricular: arte cotidiano en el encuentro con niños y niñas de la región de agreste y docentes de educación infantil

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3930-512X>

E-mail: conceicao.nlima@ufpe.br

Vanessa Galindo Alves de Melo²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6528-6789>

E-mail: vanessa-gam@hotmail.com

Resumo: Este texto busca problematizar as invencionices e artistagens das crianças e suas professoras que experimentam, em devir, modos outros de pensar a docência, a formação de professores e os currículos da Educação Infantil. A fim de problematizar as linhas de fuga em meio às molaridades e molecularidades do cotidiano, atravessado pelas prescrições, pelas bases e formações continuadas com viés mercadológico, serão tecidas conversações com diferentes intercessores teóricos que provocam o pensamento sobre a infância, a docência inventiva, a potência dos cotidianos e outras existências curriculares. O percurso-teórico metodológico diz de uma experimentação cartográfica no encontro com e entre as crianças e suas professoras que habitam um Centro Municipal de Educação Infantil do Agreste Pernambuco. Encontros marcados por convites de instaurações, conversas, brincadeiras e invencionices cotidianas. Os achados apontaram que em meio às amarras molares, inúmeras possibilidades de escapes eram inventadas pelas crianças – que questionam, tensionam, problematizam e convidam as professoras a (des)formarem a

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Caruaru, PE, Brasil.

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Caruaru, PE, Brasil.

docência e os currículos, como tentativas possíveis de escapar ao controle das prescrições, das interrupções e padronizações que habitam cronologicamente os *espaçotempos* da Educação Infantil.

Palavras-chave: infância; currículo da educação infantil; docência inventiva.

Abstract: This text seeks to problematize the inventions and artistry of children and their teachers who experiment, in becoming, with other ways of thinking about teaching, teacher training and the curricula of Early Childhood Education. In order to problematize the lines of flight in the midst of the molarities and molecularities of everyday life, crossed by prescriptions, bases and continuing education with a market bias, conversations will be woven with different theoretical intercessors who provoke thinking about childhood, inventive teaching, the power of everyday life and other curricular existences. The theoretical-methodological path speaks of a cartographic experimentation in the encounter with and between the children and their teachers who inhabit a Municipal Center for Early Childhood Education in Agreste Pernambuco. Meetings marked by invitations to instaurations, conversations, games and daily inventions. The findings pointed out that in the midst of the molar ties, countless possibilities of escapes were invented by the children – who question, tension, problematize and invite the teachers to (dis)form the teaching and the curricula, as possible attempts to escape the control of the prescriptions, interruptions and standardizations that chronologically inhabit the *space-times* of Early Childhood Education.

Keywords: childhood; early childhood education curriculum; inventive teaching.

Resumen: Este texto busca problematizar las invenciones y el arte de los niños y sus maestros que experimentan, en el devenir, con otras formas de pensar la enseñanza, la formación docente y los currículos de la Educación Infantil. Con el fin de problematizar las líneas de fuga en medio de las molaridades y molecularidades de la vida cotidiana, atravesadas por prescripciones, bases y educación continua con un sesgo de mercado, se tejerán conversaciones con diferentes intercesores teóricos que provocan la reflexión sobre la infancia, la enseñanza inventiva, el poder de la vida cotidiana y otras existencias curriculares. El recorrido teórico-metodológico habla de una experimentación cartográfica en el encuentro con y entre los niños y sus docentes que habitan un Centro Municipal de Educación Parvularia en Agreste, Pernambuco. Reuniones marcadas por invitaciones a instauraciones, conversaciones, juegos e invenciones cotidianas. Los hallazgos señalaron que, en medio de las ataduras molares, se inventaron innumerables posibilidades de fugas por parte de los niños, quienes cuestionan, tensionan, problematizan e invitan a los docentes a (des)formar la enseñanza y los currículos, como posibles intentos de escapar al control de las prescripciones, interrupciones y estandarizaciones que cronológicamente habitan los *espacio-tiempos* de la Educación Parvularia.

Palabras clave: niñez; currículo de educación inicial; enseñanza inventiva.

1 INTRODUÇÃO

A escrita desse texto emerge do desejo de tornar audíveis as vozes das crianças e da infância do agreste pernambucano que, no encontro, em devir, com suas professoras nos convidam a (re)pensar aspectos envoltos na formação docente e nas produções curriculares. Convites para olhar a escola de outros modos, com outras percepções, mais criancieiras, talvez. Convites para olhar a escola com as crianças a partir de sua “visão comungante e oblíqua das coisas” (Barros, 2010, p. 187), conforme expressa o eu-lírico na poética-convite desse texto.

Olhar a escola de outros modos nos coloca diante de uma emergência que se situa na possibilidade de deslocar-se pelos emaranhados de linhas molares e moleculares que atravessam as existências curriculares e a docência que habitam os cotidianos. Deleuze e Guattari (1997) nos provocam a pensar que o que define as maiorias são os modelos e padronizações. As minorias, por sua vez, movimentam-se sobre uma processualidade, que não se limita e nem se enquadra em padrões. Pelo contrário, foge a eles e os (des)forma.

A partir desses aspectos, Deleuze e Guattari (1997), também, nos convidam a pensar sobre os aspectos da macropolítica e da micropolítica e suas composições de linhas. Os espaços da macropolítica são compostos por linhas molares, binárias, representadas pela árvore e princípios duais. Essas linhas centralizam, totalizam, prendem, criam formas. Essas linhas deslizam pelo visível (Contage, 2018). Na micropolítica os espaços são compostos por linhas e forças moleculares, rizomáticas, onde as binaridades resultam de multiplicidades. Essas linhas escapam das tentativas de centralização, padronização e totalização. Constituem uma outra experiência em linhas de invisibilidade que permitem os devires (Contage, 2018).

Nesse cruzamento das linhas molares e moleculares, Kohan (2004) problematiza duas infâncias: a “infância majoritária” e a “infância minoritária”. A primeira dialoga com a infância das formas sociais, do tempo cronológico, da história; é marcada por etapas, e estágios de desenvolvimento. Essa infância maior ocupa diferentes espaços molares: os discursos políticos, as políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da Educação Infantil, as escolas, os conselhos tutelares. A segunda habita outros tempos e outras linhas: “Essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação” (Kohan, 2004, p. 63).

É a infância que desloca e nos desloca o olhar para as existências mínimas (Lapoujade, 2017). A infância poetizada por Manoel de Barros que com sua voz faz o verbo delirar (Barros, 1993) e desformar o mundo (Barros, 1996). Esse conceito de infância minoritária em diálogo com uma experiência filosófica é a aposta dessa pesquisa para pensar outros possíveis para a Educação. Uma infância como “intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do ‘seu’ lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados” (Kohan, 2004, p. 63).

Uma infância que por meio de suas perguntas mobiliza os pés e os passos dessa escrita que se desenha por uma inspiração cartográfica, operando com os caminhos e

a processualidade da pesquisa. Assim, a aposta por esse caminhar teórico-metodológico inspirado em Gilles Deleuze e Félix Guattari “[...] visa acompanhar um processo, e não representar um objeto” (Kastrup, 2015, p. 32). É pensar com e entre as crianças e suas professoras a partir do gesto de “dar a escuta” (Skliar, 2019). Pensar o efeito do que elas dizem e fazem ao operar com os currículos e a formação docente no cotidiano da Educação Infantil.

Essa tessitura constitui-se enquanto um recorte de uma pesquisa maior³ e busca problematizar as invencionices e artistagens das crianças e suas professoras que experimentam, em devir, modos outros de pensar os currículos e a docência da Educação Infantil. A pergunta que mobilizou os deslocamentos do pensamento, também situou a possibilidade de um caminho de pesquisa mais infantil: O que as crianças e a infância do agreste, em suas invencionices e artistagens, nos dizem sobre os processos de (des)formação dos currículos e da docência na Educação Infantil?

Perguntas desenhadas não para explicar algo, mas como nos provoca Contage (2018) como possibilidade de perceber o que circula no menor, nas linhas moleculares que estavam presentes e que fazem com que os devires sejam possíveis. Linhas que desenharam a potência dos cotidianos e instauram micropolíticas de afeto, amizade, inventividade e criação na composição de currículos outros.

Pensar essas micropolíticas desenha uma aproximação das pesquisas com os cotidianos por entender que “[...] o cotidiano tem como características fundamentais a multiplicidade, a provisoriade, o dinamismo e a imprevisibilidade” (Oliveira, 2003, p. 53), elementos que dizem de uma processualidade pulsante da vida.

Com isso, assumimos que qualquer tentativa de pesquisa com os cotidianos só se sustenta enquanto possibilidade de algo pertinente, algo que tem sentido para a vida cotidiana, se acontecer com as relações entre as pessoas que praticam esses cotidianos e, sobretudo, também a partir das questões/temas que se colocam como pertinentes às redes cotidianas. Isso posto, precisamos considerar, então, que os sujeitos cotidianos, mais do que objetos de nossas análises são, de fato, também protagonistas, também autores coletivos de nossas pesquisas (Ferraço; Alves, 2015, p. 308).

Essa relação com o cotidiano da Educação Infantil – que possibilitou a habitação e o compartilhamento do território existencial de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) com um grupo de crianças entre 5 e 6 anos e suas professoras – desenhou, também, possibilidades de encontros mobilizados por um exercício comum “[...] de estar presente e atento consigo, para estar com o outro, em diálogo [...]” (Berle, 2018, p. 53). Uma rede de relações tecida e presentificada na potência dos encontros no cotidiano escolar.

³ Pesquisa de Mestrado intitulada “Hospedando dizeres, fazeres e aprenderes minoritários: o que as crianças e a infância nos dizem sobre o território *currículoescola* na Educação Infantil”, de Vanessa Galindo Alves de Melo Lima, aprovada sob o parecer do comitê de ética nº 3.684.028.

O plano foi traçado como um convite a caminhar com algumas pistas cartográficas, criando possibilidades de encontros movidos por conversas (Ferraço; Alves, 2018) e instaurações (Lapoujade, 2017) mobilizadas pelas pesquisadoras, por artistagens das próprias crianças e, por vezes, das professoras, como possibilidade de inaugurar vários desvios no primar da caminhada. Outros instrumentos utilizados nessa composição e produção dos dados foram: a máquina fotográfica, aparelhos celulares e o diário de campo. Ambos, companheiros utilizados para registrar as infinitas intensidades que atravessaram o corpo vibrátil dessa pesquisa.

As crianças e a infância do agreste no encontro com as professoras foram produzindo diferença, (des)formando as formas habituais de se pensar os currículos, seus códigos e suas bases e as formações vinculadas às implementações dos currículos majoritários. Em meio as linhas molares, criavam movimentos de escapes, de desvios, que tensionam, resistem e possibilitam outras cartografias dos desejos para pensar existências curriculares abertas à escuta da infância e o desenho de docências mais infantis e inventivas.

2 O DEVR CRIANÇA E AS ARTISTAGENS CRIANCEIRAS PARA PENSAR A (DES)FORMAÇÃO DOS CURRÍCULOS E OUTROS POSSÍVEIS PARA DOCÊNCIAS INVENTIVAS

O encontro com a infância como inspiração em um caminho de pesquisa que se faz com e entre as crianças nos permitiu aproximações com as professoras das pesquisas. A princípio desejávamos dar a escuta (Skliar, 2019) as crianças, mas as professoras problematizaram, também, o desejo de participar da pesquisa.

Essa processualidade repleta de acontecimentos nos aproximou do conceito do devir-criança, que desliza pelas linhas da molecularidade e de uma infância minoritária e nos diz da potência dos encontros. Assim, o devir é pensado por Kohan (2004, p. 64), “essa forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa”. Encontros entre um adulto e uma criança. Encontros com as crianças cartógrafas (Corazza, 2013), a infância do agreste e as professoras da Educação Infantil. O que pode o encontro entre as crianças cartógrafas e as professoras artistas? O que pode esse encontro instaurar de diferença nos currículos e na docência da Educação Infantil?

No caminho das perguntas, essa infância, como condição da experiência habitante de outra temporalidade e de outras linhas, que não está associada à idade, mas à potência da vida que se afirma (Kohan, 2007) e que se desloca no mundo como “[...] um modo (curioso, inquieto, encantado) de viver a vida” (Kohan, 2021, p. 24), nos tomou pela mão e nos convidou a dar passagem a fluxos de acontecimentos para um outro encontro com as discussões curriculares.

Afinal, quem melhor do que as crianças em suas cartografias dos desejos e em seus fluxos moventes para nos dizer de outros possíveis para os currículos? A esse respeito nos provoca a pensar Corazza (2013, p. 20):

Cartógrafas porque exploram os meios das aulas, escolas, parques; fazem trajetos dinâmicos pelas vizinhanças das ruas, campos, animais; traçam mapas virtuais dos currículos, projetos político-pedagógicos, em extensão e intensão, os quais remetem uns aos outros; e que elas superpõem aos mapas reais, cujos percursos, então, são transformados.

Nesses deslocamentos intensivos e extensivos, traçam mapas virtuais dos currículos, convidando-os a uma (des)formação. Tensionam as prescrições, as listas de conteúdos, as aprendizagens mínimas e seus códigos. Falam do desejo de currículos mais coloridos e brincantes, que não se situem em datas comemorativas que não dizem do interesse e da realidade das crianças. Ao trazerem em seus desenhos o dia mais feliz que vivenciaram no CMEI, nos convidam a pensar o acontecimento no currículo, as aberturas extensivas que nos provocam a pensar que os currículos são "criação cotidiana" (Oliveira, 2012, p. 17).

Figura 1 - Currículos artistados no *aión*



Fonte: elaboração própria.

A potência do desenho de Princesa Arendel⁴ nos convida a pensar um currículo que desliza com a infância minoritária e que rasura as imagens dogmáticas. Currículos artistados em redes e que, mesmo negligenciados pelo sistema educacional (maior), não deixam de escapar e mostrar seus possíveis. A esse respeito, Ferraço (2011, p. 12) nos convida a pensar:

⁴ Nome Fictício escolhido pela criança participante da pesquisa conforme orientação do Comitê de Ética.

[...] a intenção de ajudar a pensar na potência dos diferentes e múltiplos currículos que estão sendo realizados cotidianamente pelos educadores e pelos alunos, em diferentes contextos escolares, mas não são tidos como legítimos e/ou dignos de importância, uma vez que burlam, escapam, transgridem as metodologias e conteúdos propostos pelos discursos governamentais.

Ao burlarem as bases controladoras e fixadoras e mapearem extensivamente as relações de poder no interior das bases pedagógicas e dos saberes curriculares, “[...] as crianças redistribuem impasses e aberturas desse poder, limiares e clausuras desses saberes, limites e superações dos seus modos de subjetivação, em busca do Acontecimento [...]” (Corazza, 2013, p. 20). Ao se deslocarem de forma intensiva, por sua vez, se movem pelos afetos e assim “[...] produzem constelações educacionais, que preenchem suas deambulações sociais” (Corazza, 2013, p. 21).

Nesses trajetos cartográficos pelo território existencial, as crianças mobilizam o desejo de dar vida a currículos alegres que produzem liberdade no lugar de aprisionamento, irrupções e não interrupções, criação ao invés de cópias e decalques. As crianças dizem do desejo de pintar, desenhar, compor outros currículos. Abertos à novidade, livres das representações e das amarras cronológicas.

Pesquisadora: [...] O que vocês queriam aprender na escola?

Mônica: [...]. Eu queria pintura pra gente aprender a pintar assim, tipo pintar uma casa! Eu gosto tanto de pintar!

[...]

Pesquisadora: Na sala de aula vocês não pintam não?

Mônica: Não! A gente só algumas vezes pinta à mão e bota no papel e... É pra no dia dos negros a gente pintou a mão de preto, no dia do vermelho a gente pintou a mão de vermelho.

Pesquisadora: Mas vocês gostariam de pintar o quê?

Mônica: Eu queria pintar uma casa! Meu sonho! (Conversas com as crianças do Grupo V do CMEI Slime).

Ao questionar a forma dos currículos, Mônica⁵, uma criança do Grupo V (Pré-escola) nos provoca a pensar as imagens dos currículos vinculadas as datas comemorativas. Currículos, por vezes, prescritivos com listagem de conteúdos e projetos pré-determinados, sem participação das crianças e das professoras. Currículos-carimbos que engessam as práticas e interrompem a ficção (Skliar, 2012). A esse respeito, Maia (2017) problematiza a presença das datas comemorativas no currículo da Educação Infantil, percebendo essa prática “como empobrecedora do trânsito do conhecimento na escola” (Maia, 2017, p. 14). Um currículo, por vezes “ [...] demandado pela mídia e norteador por questões morais, religiosas e de consumo. A escuta daquilo que realmente parte das demandas das crianças não dialoga com esse currículo” (Maia, 2017, p. 14).

⁵ Nome Fictício escolhido pela criança, de acordo com o Comitê de Ética.

Nesse sentido, Maia (2017) reforça a necessidade de “dar a escuta” (Skliar, 2019) ao que as crianças trazem, possibilitar que seus sonhos aconteçam e que suas artistagens habitem os currículos. “Estar atento ao que é trazido pelas crianças caracteriza um currículo sobre o que não há previsão segura, embora haja planejamento e responsabilidade do adulto” (p. 14).

Em suas artistagens (Corazza, 2013), as crianças rasuram a imagem de um currículo como produto acabado e passam a constituir-lo nas relações, não um currículo, mas vários currículos. Currículos múltiplos que não aceitam carimbos. Currículos libertos, que sonham em pintar livremente suas linhas e seus fluxos, sem as demarcações impostas pela lógica da fixidez e do adultocentrismo.

[...] a criança abre um devir que não é senão um espaço de uma liberdade sem garantias, de uma liberdade que não se sustenta mais sobre nada, de uma liberdade trágica, de uma liberdade que não pertence a uma história, mas que inaugura um novo começo, o de uma liberdade libertada. A liberdade é a experiência da novidade, da transgressão, do ir além do que nós somos, da invenção de novas possibilidades de vida (Leite, 2011, p. 103).

Em *aión*, as crianças saem a “desformar o mundo: Tirar da natureza as naturalidades. Fazer cavalo verde, por exemplo” (Barros, 1996, p. 51). Esse gesto desformativo se assemelha ao que faz a arte. Por isso, Corazza (2013), também, as chama de artistas.

Artistas porque, definindo-se como sensíveis, fazem as mesmas coisas que a Arte. [...] não ordenam lugares, mas abrem rasgões para o Fora; movimentam-se sobre um devir-infantil e sobre o esquecimento da história e o abandono das lembranças de infância; percorrem passagens e linhas erráticas de materiais flexíveis e heteróclitos; desenroscam anéis de superfície pura, sem interior nem exterior; conectam e desconectam inimagináveis zonas de vizinhança; jogam pedras numa velocidade infinita contra todos os organismos; realizam viagens histórico-mundiais, sem saírem do Continente da Infância e da Arte; abrem e fecham portas, telhados e planos, enlouquecendo totalmente o pensamento do bom senso da Infância e do senso comum da Arte (Corazza, 2013, p. 21).

Figura 2 - Artistagens infantis



Fonte: elaboração própria.

As crianças, cartógrafas e artistas em linhas de devires, convidam suas professoras a escapar e criar linhas de fuga. Habitadas por essa infância, enquanto condição da experiência (Kohan, 2004), as professoras se abrem à força advinda dos inícios infantis (Kohan, 2020) e, em meio aos desvios, transgressões e desenhos livres, desformam o currículo majoritário que “paralisa o movimento, o ziguezaguear, o fluxo da vida” (Paraíso, 2015, p. 50) para acolher a potência dos currículos intensivos e permeados por sensibilidade e pela potência criadora da arte.

As crianças fogem do currículo que cria ordem reguladora de suas subjetividades, fogem das representações, não porque elas as conhecem, mas porque as ignoram. [...]. Um devir-criança [...] não habita o campo da representação, mas entra no campo das sensações, por isso opera com o pensamento de modo que faz gerar essa coisa mais lúdica, fantasiosa, imaginativa, inventiva, sensitiva (Chisté, 2015, p. 91).

Nessa produção viva e irruptiva dos currículos-acontecimentos, nos aproximamos das professoras em conversas mobilizadas por um convite com pistas, perguntas, desenhos e muita imaginação. Na sala de professores, em meio ao café, conversas e partilhas, as professoras falavam sobre os currículos e os processos formativos que atravessam a realidade da rede municipal. No contexto dessa conversação, os sistemas de ensino encontravam-se em processos de elaboração e implementação dos currículos norteados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

- A BNCC ainda não chegou aqui! Nos disse a professora Vida.
- Na verdade, nós não tínhamos um currículo, é tudo muito antigo. A gente segue coisa muito passada, muito antiga que não se pratica mais... É tanto que quando a gente pegou em 2017, eu por conta própria reformulei ele... tirei algumas coisas e acrescentei outras... e a gente trabalhou aqui na escola em cima disso. Porque não tem mais né, está sendo feito... a grade, com essa nova visão da BNCC. É para ser feito agora, junto com o novo currículo. Comentou a coordenadora Gea do CMEI Slime (Conversas com as professoras e coordenadoras do CMEI Slime).

No tecer dessa rede de conversação, as professoras e a coordenadora apontavam o cenário de disputa curricular em que se encontrava a Educação Infantil. Em meio à disputa dos currículos majoritários, as coordenadoras apontavam a iniciativa de modificar por conta própria os currículos postos, como tentativa de escapar e tentar criar o currículo a ser vivenciado no CMEI. No entanto, mais uma vez, notamos essa disputa de interesses em torno do currículo ao não considerar nessa composição as vozes das crianças e das professoras, demonstrando um novo arranjo, mas, ainda com uma centralidade dos discursos majoritários.

Ao dizer "*A BNCC ainda não chegou aqui*", a professora demonstra conhecer a discussão, mas, ao mesmo tempo, tensiona a ação do município que havia contratado uma assessoria pedagógica para nortear o processo de criação do currículo municipal e as formações que aconteceriam para que os professores materializassem os currículos nas instituições. Essa conversa nos provocou a pensar no movimento de resistência que desliza nos cotidianos, forjando outras criações curriculares. Assim, concordamos com Ferraço (2017, p. 544):

[...] sem desconsiderar a importância das discussões e análises que são realizadas no âmbito do próprio texto governamental, defendemos a necessidade de, com nossas pesquisas, fortalecer os movimentos de resistência e de escape que acontecem na microfísica dos cotidianos escolares, nos diferentes espaços-tempos intersticiais das escolas.

As professoras, nesses cotidianos, eram agenciadas pelas crianças a escapar pela micropolítica e, em meio aos processos de escolarização, por vezes, excessiva, as listagens de conteúdos e a previsibilidade dos carimbos, também se abriam ao devir e à possibilidade de tensionar as questões propostas. Assim, mobilizavam entre pares seus processos formativos, partilhando experiências, composições curriculares outras, como tentativa de se distanciar de um currículo e "de sua representação fixa/definitiva, indo ao encontro de sua condição de fluxo, de redes, de nomadismo, de composições e deslizamentos, [...] fazendo vazar toda e qualquer possibilidade de um significado fixo ou de um determinismo conceitual" (Ferraço, 2017, p. 535).

Nesses encontros com as crianças cartógrafas as professoras artistavam a possibilidade de pensar uma infância para habitar as docências. Uma infância para habitar processos de formações mais inventivos. A esse respeito, aprendemos com Silva (2018) que, mesmo diante das ações de controle de instâncias superiores em

relação a formação inicial e continuada das professoras, o cotidiano mostra que “elas criavam outras experiências, muito além dos discursos, dos currículos e das orientações da formação continuada” (p.135), possibilitando, diante das fugas, a própria vida da docência inventiva.

Nesse sentido, mediante as transgressões, as professoras do CMEI *Slime*⁶ tensionavam outros possíveis para pensar a (des)formação docente que desliza nos cotidianos e escapa junto aos currículos minoritários e, como nos ajuda a pensar Silva (2018, p. 137), desenham, na potência dos cotidianos, “[...] a docência como acontecimento, como experiência, como outro tempo, resistência e como criação”. Uma docência constituída por fragmentos múltiplos (Corazza, 2013), que se arrisca a artistar sempre outras existências. Essas artistagens dizem de um processo movente que não tem um fim e que provoca um outro modo de pensar a formação.

É possível colocar o problema da formação de outro modo: não mais supondo inicialmente o direito ao acesso ao conhecimento, não mais estabelecendo de início essa ligação voluntária e contratual com a transmissão e com os especialismos *pedagogizantes*, mas colocando-a como um deslocamento do formar como solução de problemas que anima a invenção de problemas no campo da formação de professores (Dias, 2010, p. 4).

Nesta perspectiva do encontro em devir-criança, o convite é para dar passagem e “[...] produzir um território que se compõe como um campo de forças criando ética, estética e, politicamente, outras formas de habitar, de pensar e de fazer formação” (Dias, 2012, p. 30). Esse (des)formar, ao modo da poética de Barros (1996), desenha outras paisagens com e entre a infância do agreste e aponta para a formação como “[...] um espaço para potencializar a vida, a produção de subjetividades. Um espaço para a invenção, para a problematização e o diálogo” (Silva, 2018, p. 184).

3 CONVITES PARA NÃO FINDAR...

O caminho de uma experimentação cartográfica, com e entre as crianças e a infância do agreste por mapas extensivos e intensivos, nos convidou a olhar para as miudezas do cotidiano com olhos dadivosos e à espreita. Olhos desejosos para cartografar e perceber as linhas invisíveis, minoritárias, que deslizam e brincam com o tempo *aión*. Encontros mobilizados pelo devir-criança e suas aberturas, que produzem diferença enquanto se deslocam nos modos de fazer pesquisa, de pensar outros possíveis para os currículos, a docência e a formação das professoras da Educação Infantil.

Convites poéticos ao modo de Barros (1996), que traduz em seus versos outros olhares para a infância e suas inventividades. Eis o convite que arrastou essa escrita: “É preciso desformar o mundo” (p. 51). As crianças, em suas artistagens, desformam os

⁶ Nome fictício escolhido pelas crianças para fazer referência ao CMEI.

currículos, viram-nos do avesso e produzem dobras que dizem do desejo de currículos produzidos no cotidiano em meio a linhas coloridas, pinturas, desenhos, imaginação, afetos e encontros. Encontros que mobilizam uma infância para a docência atravessada pela dimensão da criação e da invenção. Um convite para desformar os modos burocráticos, que, por vezes, tornam os momentos formativos em uma ocasião apenas para transmissão de conhecimentos e repasse de informações e orientações normativas, limitando esse processo ao controle das linhas molares.

No entanto, que bom que as professoras aprendem com a infância a resistir! E assim, tomadas pela força revolucionária da infância, são mobilizadas a romper, escapar, criar desvios e ir configurando esses múltiplos modos de ser docente, nas linhas moleculares e linhas de fuga.

Nesse sentido, o convite que ressoa desse encontro em devir entre as crianças, a infância e as professoras, aponta para a urgência de nos colocarmos à disposição de escutar as crianças e a potência dos seus dizeres, saberes, aprenderes, conheceres e invencionices, a fim de pensar os currículos, a formação e a docência. Afinal, como nos diz Palhacinha mágica⁷ em um momento de conversa e brincadeiras, "*As crianças sabem muitas coisas*". Talvez, seja esse um convite-provocação, um caminho de perguntas para criar novas existências curriculares e docências inventivas em multiplicidade "[...] que não mais reproduzam nem executem o normatizado, mas usem impulsos inovadores" (Corazza; Tadeu, 2003, p. 31).

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. *E-book*. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Livrosobrenada-manoel-de-barros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BERLE, S. **Infância como caminho de pesquisa**: o núcleo de estudos de filosofias e infâncias (NEFI/PROPED/UERJ) e a educação filosófica de professoras e professores. Rio de Janeiro: NEFI, 2018.

CHISTÉ, B. S. **Infância, imagens e vertigens**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/138595>. Acesso em: 15 dez. 2020.

⁷ Nome Fictício escolhido pela criança, de acordo com o Comitê de Ética.

CONTAGE, D. G. Mapas invisíveis e viajantes cegos: ensaio para uma escola do oculto. *In*: RODRIGUES, A. de C.; BERLE, S.; KOHAN, W. O. (org.). **Filosofia e educação em errância**: inventar escola, infâncias do pensar. Rio de Janeiro: NEFI, 2018. p. 411-422.

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre, RS: Doisa, 2013.

CORAZZA, S.; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 54, 1997. v. 4.

DIAS, R. de O. Arte que nos move: oficinas de formação inventiva de professores. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED, 33., 2010, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2010. p. 1-16. Trabalho apresentado no GT 24- Educação e Arte. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT24-6493--Int.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DIAS, R. de O. Formação inventiva como possibilidade de deslocamentos. *In*: DIAS, R. de O. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2012. p. 25- 41.

FERRAÇO, C. E. (org.). **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

FERRAÇO, C. E. Currículo-docência-menor e pesquisas com os cotidianos escolares: sobre possibilidades de escapes frente aos mecanismos de controle do Estado.

Quaestio - Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 529-546, dez. 2017. Disponível em:

<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3152>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação.

Revista Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 8, n. 3, p. 306-316, set./ dez. 2015.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n3.306316/14761>.

Acesso em: 23 set. 2024.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. *In*: RIBEIRO, T.;

SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-51.

KOHAN, W. O. A infância da educação: o conceito devir-criança. *In*: KOHAN, W. O. (org.). **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 51-68.

KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, W. O. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89462860071>. Acesso em: 08 jan. 2021.

LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEITE, C. D. P. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MAIA, M. N. V. G. Datas comemorativas: uma construção ideológica que persiste na educação infantil. REUNIÃO CIENTÍFICA DA ANPED, 38., São Luiz do Maranhão. – **Anais** [...]. São Luiz do Maranhão: ANPED, out. 2017. Trabalho apresentado no GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos. p. 1-17. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38_anped_2017_GT07_25.pdf. Acesso em: 05 maio 2019.

OLIVEIRA, I. B. de. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, I. B. de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

PARAÍSO, M. A. Um currículo entre formas e forças. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, jan.\abr. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18443>. Acesso em: 15 set. 2020.

SILVA, T. G. **Os aprenderesfazeres docentes na educação infantil**: um olhar cartográfico sobre os movimentos tecidos no cotidiano escolar de um CMEI da rede municipal de ensino de São Bento do Una-PE. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco 2018.

SKLIAR, C. La infancia, la ninez, las interrupciones. **Childhood & Philosophy**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 67-81, jan.\jun. 2012. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512051606004>. Acesso em 31 mai. 2018.

SKLIAR, C. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1) Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles

2) Vanessa Galindo Alves de Melo

Contribuição	Autor 1	Autor 2	Autor 3
1. Conceituação	X	X	
2. Curadoria de dados	X	X	
3. Análise formal	X	X	
4. Obtenção de financiamento			
5. Investigação	X	X	
6. Metodologia	X	X	
7. Administração do projeto			
8. Recursos			
9. Software			
10. Supervisão			
11. Validação			
12. Visualização			
13. Redação (rascunho/original)	X	X	
14. Escrita (revisão e edição)	X	X	

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo “Convites a docências inventivas e movimentos de (des)formações curriculares: artistagens cotidianas no encontro com a infância do agreste e as professoras da educação infantil”.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão disponíveis no artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

Revisado por:

Miguel de Oliveira Martins Filho

E-mail: migo.martins@gmail.com